



ESCUTAS: PRÁTICAS PÚBLICAS, EXPERIMENTAIS E ENGAJADAS

LUDMILA Y. M. FRATESCHI OSWALDO F. LEITE NETTO (ORGS.)



INM Editora

**ESCUTAS:
PRÁTICAS PÚBLICAS,
EXPERIMENTAIS
E ENGAJADAS**



INM Editora

Conteúdo

- 11 Mensagem Institucional**
- 15 Apresentação**
- 21 Prefácio**
-
- 35 Mesa de abertura: Ir em direção ao outro – Práticas de convivência e cultura na promoção de saúde mental**
Debate com Suely Rolnik, Sofia Favero e Bianca Santana
Debate ampliado: conviver e a escrita de si – Bianca Santana
-
- 103 Mesa 1: Práticas clínicas – Abrir-se como e para quê**
Debate com Tales Ab'Sáber, Kwame Yonatan e Miriam Debieux Rosa
Debate ampliado: Clínica Aberta e Margens Clínicas
-
- 179 Mesa 2: Práticas Clínicas – Territórios e Recorte**
Debate com Reine Rodrigues, Thainá Rouca, Heidi Tabacoff e Fernanda Canavêz
Debate Ampliado: Fala Homem
Debate Ampliado: PerifAnálise
-
- 235 Mesa 3: Práticas clínicas: populações de rua.**
Debate com Flávio Falcone, Jorge Broide e Ludmila Frateschi
Debate ampliado: Sur-Psicanálise
Debate ampliado: Teto, Trampo e Tratamento
-
- 293 Mesa 4: Diálogos entre as práticas públicas e o sistema público**
Debate com Leon Garcia, Saulo Fernandes e Cláudia Braga
-
- Anexo**
-
- 345 Traga-me a cabeça de Lima Barreto**
Debate com Hilton Cobra, Silvana Jeha, Rosane Borges, Oswaldo Ferreira Leite Netto (debatedor). Participação de Luiz Marfuz.
Debate ampliado: Silvana Jeha

Mensagem Institucional

Psicanalistas atuantes na instituição psiquiátrica de assistência, ensino e pesquisa honram a herança freudiana. Quando do início da clínica do mental, Freud fez uma revolução epistemológica no campo médico ao nos legar ferramentas e pressupostos teóricos. Desde a fundação dessa prática de cuidados psicológicos e de investigação, pensadores, autores e militantes da psicanálise levam adiante essa escuta marcada pela perspectiva que se pretende libertadora e emancipadora.

Ao longo das últimas décadas, na companhia de colegas dedicados e apaixonados, e do método psicanalítico, mantivemos nossa presença na formação de novos psiquiatras e no atendimento a nossos pacientes.

Atravessamos momentos diferentes da realidade política do país, das transformações da medicina e, em particular, da psiquiatria.

Os avanços fantásticos e indispensáveis da farmacologia e da tecnologia nos diagnósticos, a necessidade do lucro financeiro e a crença da eficácia e rapidez dos tratamentos podem desvirtuar a prática médica. Essa medicina que, desde seus primórdios, na antiguidade, valorizou a singularidade da pessoa humana ao se ocupar de doentes, e não das doenças; a medicina hipocrática, que prescindiu das disseções e autópsias, privilegiando o contato humano na consolação dos sofredores, encontra na Psicanálise o incentivo e as ferramentas para continuar se ocupando dos humanos.

Nosso grupo colabora com a instituição médica com essa perspectiva e a certeza de que temos um papel e uma responsabilidade humanos, sociais e políticos.

A meu ver, trata-se de ciência, clínica e saúde pública — áreas que podem ser ampliadas e desenvolvidas com as contribuições da psicanálise.

Documentar o simpósio que organizamos no âmbito da instituição médica é registrar um evento histórico como nunca aconteceu antes.

Constata-se na troca com colegas de diferentes experiências que a psicanálise é potente, não se cristaliza obrigatoriamente nem se submete a práticas engessadas e ortodoxas, e se mostra útil na aproximação e apoio às minorias, restaurando para a prática médica e na saúde pública a delicadeza no trato dos diferentes.

Oswaldo Ferreira Leite Netto

*Diretor do Serviço de Psicoterapia do IPq HCF-MUSP
e supervisor do Converse com o Psicoterapeuta*

DE ONDE

VEM



TUA

FALA?

Apresentação

A presente publicação traz o registro do simpósio *Escutas: práticas públicas, experimentais e engajadas*, realizado entre 3 e 5 de novembro de 2022. Ele foi proposto e coordenado dentro do Converse com o Psicoterapeuta, projeto em que um grupo de psicanalistas alocados no Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPq HCF-MUSP) se propõe a pensar e experimentar práticas acessíveis que reforcem de algum modo o caráter público do Serviço. Estando num hospital-escola de referência, de uma universidade pública, entendemos que seja nossa função produzir e difundir conhecimento na direção de reconhecer e analisar as demandas de saúde mental da sociedade, as políticas públicas para atendê-las e o arcabouço ético, teórico e técnico que as fundamenta. Nesse simpósio, especificamente, importou-nos colocar práticas independentes em diálogo com o que é feito no Sistema Único de Saúde (SUS).

É importante atentar à data de sua realização. O segundo turno das eleições presidenciais havia ocorrido no dia 30 de outubro de 2022, quatro dias antes do início do simpósio, elegendo Luiz Inácio Lula da Silva presidente do Brasil pela terceira vez. Caminhoneiros bolsonaristas bloqueavam as estradas em protesto, o que nos fez transmitir o simpósio *on-line*. O contexto ainda era pandêmico, e era impossível desvincular esse cenário de qualquer pensamento sobre a saúde pública e a saúde mental, ainda que também houvesse um impulso de trabalhar *apesar dele*. Considerávamos que, naquele momento, o evento tinha a função de encontro, de promoção de um diálogo livre e aprofundado, produtor de questões mais que de verdades. Longe de simplificações moralistas, almejávamos debater lógicas de gestão da vida comunitária e de seus conflitos.

Nossas escolhas não foram aleatórias. O simpósio aconteceu majoritariamente no anfiteatro principal do Instituto de Psiquiatria. Sua arquitetura é a de uma arena, com a arquibancada que forma a plateia envolvendo o palco. As poltronas do público são es

curas, estofadas, fixas, e o ambiente todo é coberto por um tapete também escuro. Os palestrantes podem escolher entre um púlpito e uma enorme mesa de madeira maciça, atrás da qual ficam três ou quatro cadeiras pesadas. A iluminação é fria e privilegia os palestrantes. Sem facilitar a conversa direta, o ambiente se baseia na ideia de que quem fala são cânones (e cânones devem ser ouvidos). Por ali, passaram todos os grandes nomes da psiquiatria brasileira, e sabemos que isso inclui aqueles que defenderam pensamentos higienistas e excludentes com o discurso médico, os defensores de práticas manicomiais, bem como toda a tradição recente do organicismo exacerbado e da defesa de tratamentos medicamentosos generalizados. Estar ali era, em primeiro lugar, a reafirmação do serviço de psicoterapia como lugar de sustentação, a partir da prática, de questionamentos a esses modelos ao longo já de seus quase sessenta anos de existência, mas era também um modo de subverter o espaço, *em ato*, propondo o debate a partir de paradigmas mais horizontais, diversos e questionadores dos grandes discursos de saber.

Foi proposta ainda uma atividade complementar: um evento, realizado no Teatro de Contêiner, em que pudemos assistir e debater uma peça da Cia. dos Comuns, *Traga-me a cabeça de Lima Barreto*, sobre o autor, sua mente e os efeitos do discurso psiquiátrico em seu corpo. O Contêiner, terreiro de lata, como carinhosamente é muitas vezes chamado, tem uma inserção especial na região da Luz, no meio da Cracolândia, em São Paulo. Ele foi criado e é gerido pela Cia. Mungunzá de Teatro, e o terreno que ocupa era um estacionamento que, tendo sido liberado pela prefeitura para um evento, foi ocupado em 2016, da noite para o dia, com um contêiner desenhado por dentro como um teatro, para nunca mais sair. Aos poucos, foi crescendo, outros contêineres foram instalados, e ele passou a abrigar diversos projetos socioculturais e sediar eventos e reuniões importantes para a comunidade local. O Converse com o Psicoterapeuta começava, naquele momento, uma investigação-experimentação clínica na região e, ao lado do projeto Teto,

Trampo e Tratamento, estabelecia uma parceria com o teatro. Colocar uma atividade de formação em psicoterapia em um espaço localizado no meio da Cracolândia significava para nós uma tentativa de coerência com o movimento de abertura — que era tema do simpósio. O teatro também tem sempre as portas abertas ao território e, assim, o público contou com habitantes da região e do chamado “fluxo” — a aglomeração de pessoas que se forma em torno de cenas abertas de uso de drogas — ao lado de artistas, políticos, trabalhadores dos projetos e da saúde pública, professores titulares de universidades e psicanalistas formados nos *métiers* elitistas tradicionais, para discutir, a partir da peça, as relações de dominação de corpos vulneráveis por discursos especialistas. Foi bonito.

O livro está organizado de forma a retratar, do modo mais fiel possível, o simpósio como ele se deu, no momento histórico em que aconteceu, no espaço onde foi realizado. Optamos por manter as falas transcritas com o mínimo de ajustes possível, sem transformá-las em artigos supostamente bem-acabados, por entender que, ali, o que não estava resolvido podia ser muitas vezes mais rico e mais importante do que o que se considera já estabelecido. A fim de retratar melhor as práticas apresentadas, complementamos as falas com um debate ampliado com os palestrantes, a partir de entrevistas por escrito realizadas entre 2022 e 2024.

Esperamos assim contribuir com o retrato de um momento histórico das práticas públicas, experimentais e engajadas no Brasil, bem como provocar no leitor uma experiência de deslocamento a partir das muitas questões que se fizeram presentes nesta cena simpósio, ou seja, no conjunto entre o texto e a ação que tomaram forma naqueles dias.

Ludmila Frateschi

*Psicanalista e coordenadora-geral do projeto
Converse com o psicoterapeuta*

**MANTENHA-SE
MUTÁVEL**

 /PAULESTINOS

Prefácio

O simpósio *Escutas: práticas públicas experimentais engajadas*, organizado no serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPq HCF-MUSP) e coordenado pelo projeto *Converse com o psicoterapeuta*, foi realizado entre os dias 3 e 5 de novembro de 2022, e resultou nesta primorosa publicação.

Lendo o livro, tive a oportunidade, em primeiro lugar, de me emocionar e encontrar mestres, amigos, parceiros de trabalho, gente querida engajada, muito importante no meu percurso como analista. Em segundo, o prazer de refletir sobre o que pude aprender com esse trabalho, tão importante e inovador institucionalmente, que rompeu com os formalismos tradicionais no processo de produção do conhecimento e de práticas na psiquiatria e psicanálise.

Esse simpósio foi gestado quando começávamos a sair de um período totalmente distópico, em que vivíamos o horror de um Estado opressivo e obscurantista.

Supomos sempre que a ficção contenha elementos que não podem existir na realidade, a não ser pela intervenção do fantástico, do mágico, de algo completamente fora de tudo aquilo que a ciência já viu ou previu. Mas, naquele momento, a morte se tornou realidade. Vivemos o horror da pandemia, que nos aprisionou, nos calou e fez calar nossas emoções. Não havia utopia possível para sustentar nossos sonhos. Foi um processo desrealizante: o Estado nas mãos de um governo fascista, cujo único objetivo era exercer o poder por meio de atos violentos e pelo ódio contra opositores — um regime autoritário, com um arremedo de líder, com pretensão de “mito”, que deveria ser cultuado e poderia tomar qualquer decisão sem consultar previamente os representantes da sociedade.

Desconhecendo, descredibilizando e desconstruindo nossas instituições democráticas — resultado de vinte anos de luta, contra uma ditadura militar, da qual ele era egresso —, o “mito” agia como um fantasma aterrizando, obscurecendo nossa cultura, destruindo nosso sistema educacional e desmontando nosso sistema de saúde, no momento em que o povo brasileiro mais carecia do nosso SUS.

A sua necropolítica fez uso do poder social e político para decretar como algumas pessoas poderiam viver e como outras deveriam morrer acentuando a distribuição desigual de oportunidades de viver e morrer que o sistema capitalista já nos impõe.

A pandemia serviu muito bem à sua máquina de morte: quanto mais gente morria, mais o “mito” se regozijava, e suas piadas de mau gosto afrontavam nosso medo e nossa dor. Não havia uma perspectiva de fim para mortandade, que parecia interminável.

Ele nos tratava a todos com escárnio, nós, enlutados e assustados com a perspectiva de um Estado negacionista e obscurantista, que não via na ciência a possibilidade de vencermos um vírus mortal. Na sua fúria e no seu ódio destruidores de nossas políticas de Estado, ele instaurou o terror numa terra já ameaçada e paralisada.

O sadismo, a ignorância e a mentira remodelaram o Estado, espalhando o terror e a desesperança. Nos remodelaram em nossa humanidade e nos pretenderam seres autômatos, guiados por máquinas que nos controlavam por meio de algoritmos das redes sociais, que identificavam quais publicações deveriam ser entregues para mais ou menos pessoas. Controlados, cancelados, gravados: nossas mensagens e vozes foram silenciadas e, muitas vezes, usadas contra nós mesmos. O “mito”, fez das informações falsas, transmitidas ou publicadas como notícias (as famosas *fake news*), uma de suas mais potentes armas de manipulação de um povo acuado pelo medo. Motivado por razões políticas ou fraudulentas, com o único intuito de distorcer os fatos que circulavam pelas redes sociais, ele prejudicou a luta contra a COVID-19, descredibilizou e desestimulou o uso da vacina, fortalecendo sua máquina de morte.

A promessa da globalização enquanto um processo de interação entre os países, seja ela no âmbito social, cultural, econômico ou político, não se cumpriu. Seu principal foco, que era destruir as barreiras econômicas e migratórias que poderiam existir entre as nações, fracassou.

O que a globalização fez foi primar pela intensificação de fluxos de capitais e mercadorias em detrimento do intercâmbio de pes-

soas. Os fluxos migratórios têm servido para aumentar a xenofobia entre as nações. O avanço técnico na comunicação e nos transportes, está longe de beneficiar a todos os povos, mas, antes, tem servido para privilegiar algumas nações em detrimento de outras.

O sonho de um mundo equânime e solidário deu lugar a desencontros e segregações de toda ordem, e fez crescer no mundo um retorno a valores e organizações sociais que pensávamos já superados, pensamentos extremistas e do primado do “Eu” em detrimento da coletividade.

Com grande temor, vemos se intensificarem de novo no mundo as ideias e políticas da extrema direita, o que não é uma exclusividade do nosso país. O “mito” inspirou-se no processo americano, apoiado nas ideias de Steve Bannon, defensor de um Estado ancorado no terror e no caos, na desinformação, na destruição da natureza, no genocídio dos povos originários e negros, na segregação e morte da população LGBTQIAP+. Um Estado que não suporta a convivência entre diferentes.

No texto *O Tabu da Virgindade*¹, Freud fala que a recusa ao outro é inerente a toda e qualquer relação humana e aparece na forma de “narcisismo das pequenas diferenças”. Ele retoma esse tema nos textos: *Psicologias das Massas e Análise do Eu*² e *Mal-estar na Civilização*³.

No narcisismo das pequenas diferenças, há uma fantasia inversa de que seja possível uma igualdade entre seres humanos, ignorando a diversidade que compõe as pessoas. Na eliminação e desconstrução do outro — que funciona como depositário de todas as imperfeições e mazelas daqueles que se pretendem racialmente superiores aos que não compõem o seu grupo étnico, justificando assim a morte desses outros —, estão alicerçados o conservadoris

1 Freud, S. (1917). O tabu da virgindade (Contribuições à Psicologia do amor III). In: *Obras Completas* (Vol. 9, p. 364-387). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

2 Freud, S. (1921). Psicologia das Massas e a Análise do Eu. In: *Obras Completas* (Vol. 15, p. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

3 Freud, S. (1930). O Mal-estar na Civilização. In: *Obras Completas* (Vol. 18, p. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



ESCUTAS: PRÁTICAS PÚBLICAS, EXPERIMENTAIS E ENGAJADAS

LUDMILA Y. M. FRATESCHI OSWALDO F. LEITE NETTO (ORGS.)



INM Editora